

COMO SALVAGUARDAR O SER DE DEUS EM UMA ERA CONTEMPORÂNEA

Alex Sandro Nogueira Silva¹

RESUMO: Basilarmente a contemporaneidade finca suas raízes ideológicas nos princípios originários do iluminismo, do capitalismo, da mecanização, da ciência, das tecnologias e da cibercultura. A razão é um marco evidente desta trajetória, pois se torna importante e necessária, sendo a base para estabelecer leis universais incontestadas. Se tudo no hodierno esta para a razão e suas implicações como salvaguardar o Ser de Deus nessa era? Uma vez que as implicações do mundo, trazem o domínio de forças que “o” deixa excluído. Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI, faz a menção que fé e razão são indispensáveis para a busca da verdade. A razão é iluminada pela fé, sendo capaz de responder as questões fundamentais sobre a vida humana na qual também esta o Ser de Deus.

PALAVRAS-CHAVES: Contemporaneidade, fé, razão, salvaguardar, Ser de Deus.

ABSTRACT: Contemporaneity establishes its ideological roots in the original principles of enlightenment, capitalism, mechanization, science, technologies and cyberculture. The reason is an evident mark of this trajectory, because it becomes important and necessary, being the base to establish unchallenged universal laws. If everything in today's world is for reason and its implications, how can we safeguard the Being of God in this age? Since the implications of the world, they bring the domain of forces that “the” leaves excluded. Joseph Ratzinger, Pope Bento XVI, mentions that faith and reason are indispensable for the search for truth. Reason is illuminated by faith, being able to answer the fundamental questions about human life in which the Being of God is also present.

KEYWORDS: contemporaneity, faith, reason, safeguard, Being of God.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o universo é entendido a luz da lógica do conhecimento empírico, isto é, se dá no contexto pedagógico da experiência. Constatase que a não explicação de um determinado fenômeno ou realidade leva o

¹ Possui especialização em Teologia Contemporânea pelo Claretiano Centro Universitário (2019), graduação em Filosofia pela Faculdade Vicentina - Favi - PR (2018) e-mail: alexsandro.css@outlook.com.

homem a determiná-lo como sendo mistério. Este categoricamente fomenta na existência do ser humano uma zona de desejos que o infunde no método científica. O desejo, princípio a ser analisado na sua condição emancipatória e universal presente na existência humana torna-se primordial na orientação de um pensar, ser e agir cético. Neste contexto a veracidade dos fatos históricos em sua objetividade são lidos à luz da razão crítica, se propondo a estudar o mistério incógnito do Ser de Deus. Haja vista, este não seja cognocivelmente sujeito aos sentidos humanos e nem se descreve por leis. Perante a isto, segundo o Papa Bento XVI “só quem reconhece a Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano”². Com toda fragilidade humana, conhecer é essencial, não causa dúvidas, não se está em xeque e sim está empiricamente alicerçado sobre leis pré-estabelecidas. O Ser de Deus ao permitir-se conhecer, se mostra como um sinal na sarça ardente. O fenômeno “mistério” se dá como resposta aos anseios humanos, revelando-se no universo, habitat temporal e espacial, casa comum da existência.

Com a inserção do sistema de globalização, o conhecimento científico e tecnológico torna-se acessível aos homens. Tornando o homem emancipado diante das questões religiosas, de fé ou na própria crença no Ser de Deus. A ciência oferece elementos racionais a respeito dos mistérios postos pela natureza religiosa, que temporariamente causam medos nos seres. Esta coloca a verdade diante das lentes da razão humana. Os indivíduos, em seu tempo, foram capazes de mistificar as verdades, levando-as a um patamar metafísico aquém da veracidade existencial do ser humano em conexão com o Ser de Deus.

O homem contemporâneo envolto às ideias do iluminismo, do capitalismo, do mecanicismo em consonância com o método cartesiano antepôs ao agir, ao ser com o princípio ideário do “penso, logo existo”, marca a era embrionária da modernidade. Esta de tal forma faz uma inversão de todos os pensamentos, os quais causou uma reviravolta no ser, este que assume uma postura de autonomia enquanto ser existencial no mundo dos fenômenos e em correlação com a crítica no que postula aos dogmas do Ser de Deus, fazendo prevalecer somente a razão do ser que é, em consonância com o ser em existência.

O objetivo primordial desse artigo é demonstrar à sociedade vigente a necessidade de salvaguardar a ideia do Ser de Deus em uma era contemporânea marcada pelo domínio do conhecimento tecnocientífico. O Ser de Deus

² Discurso Inaugural de S.S. Bento XVI na Conferência Geral Do Episcopado Latino-americano em 2007.

em questão não se restringe a uma ideia filosófica, mas transcende na medida em que assume a natureza humana. É essencialmente uma pessoa na qual se cumpre plenamente o desejo de Deus no itinerário histórico da humanidade. Este causa uma revolução no sentido das categorias de tempo, a saber: presente, passado e futuro.

Para isto, a presente pesquisa apresentará de forma reflexiva o pensamento teológico do Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI, a respeito da relação entre fé e razão. Ambas são necessárias à construção de um pensar sólido capaz de salvaguardar o Ser de Deus, em uma era marcada pelo acentuado secularismo e relativismo exacerbado da verdade. Antes disto, dialogaremos com as eminentes questões do iluminismo e suas implicações epistemológicas para o mundo atual. Tempo em que se espera a desmistificação do Ser de Deus, mediante aos questionamentos que o homem apresenta na tentativa de explicar pelo uso da razão, o que durante muito tempo foi dogmaticamente tratado pelo mundo religioso. Mediante este processo de dominação dos detentores do conhecimento e do discurso temos o homem como uma máquina articulada e articulante, movida pelo desejo mecanizado.

Após estes elementos iniciais, passamos à segunda parte, que se acarreta na perspectiva do não-ser de Deus no homem contemporâneo, frente à secularização que implica a globalização. E o indivíduo se perde sobre si, ou melhor, é-se autônomo ou niilista. O mundo dessa era está em constante movimento se transformando, que há uma abertura do ser, para pensar e agir livre, tendo uma cultura voltada ao pluralismo.

Por fim, a terceira parte consiste em demonstrar o Ser de Deus frente à contemporaneidade. Se há possibilidade de viver a implicação de uma fé racional, que dialogue com a realidade, não querendo se estabelecer em situação – pensamentos – do passado. Os desígnios desse pensar passar da fé racional à fé esclarecida. O homem deve ser autônomo, mas precisa de uma iluminação para seus feitos que é a fé. O saber dever perpassar pela razão e fé para que tenha o conhecimento da verdade.

1. O ILUMINISMO E SUAS IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NO CAPITALISMO

Segundo o Documento de Aparecida³, a sociedade transita por significativas mudanças de época que afetam profundamente a vida humana, quer econômica, social ou religiosamente. Essas mudanças, por certo, muito influenciam o modo de ser humano no mundo. Marco da nossa história recente, a globalização atingiu em cheio grande parte dos povos do mundo e trouxe consigo o paradigma da ciência, da tecnologia e da cibercultura. Esses novos paradigmas possuem a “capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas” (DA, 2007, p. 27). É sabido que na idade média o centro da vida humana estava em Deus. Já na modernidade, vivendo com todas essas significativas mudanças, qual é o novo estatuto que o iluminismo instaurou para a nova realidade?

A origem destas mudanças pautadas sobre o iluminismo tem início no século XVIII, através do apogeu do movimento intelectual que ocorreu na época. Aqui o homem é destinado a assumir-se como seu próprio tutor, ousar saber. Segundo Kant, o

iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo. (1784. p.5)

O iluminismo pode ser caracterizado pela crença somente no poder da razão para então produzir a liberdade e a felicidade humana, substituindo assim a cosmovisão teológica medieval pelo racionalismo como árbitro da verdade e da compreensão da realidade. Por meio do pensamento traz à tona uma revolução de ideias que se possa levar a cabo a ruína do despotismo pessoal e da opressão dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Os novos

³ O Documento de Aparecida é um texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe que ocorreu entre os dias 13-31 de maio de 2007.

paradigmas, justamente com os antigos, servirão de eixo para a liberdade, os indivíduos irão fazer o uso público da sua razão a todos os elementos.

A ciência surge como a necessidade do ser (pessoa) de compreender os fenômenos da natureza com critérios, além daqueles que foram estabelecidos pela fé medieval. O centro agora passa a ser a criação/homem, ou seja, o indivíduo não mais tem a necessidade de se relacionar com o Criador/Deus, uma vez que as tecnociências respondem e resolvem quase todos os dilemas – medo e desejo – nesta sociedade, causando definitivamente a morte⁴ de Deus e a emancipação do homem. Assim sendo, a “modernidade seria portadora dessa dissensão que conduziria o homem à sua completa autonomia, até mesmo na religião [...]” (ARMANI, 2007, p. 171). Uma vez que a religião, com seu misticismo, serve de crença somente no sobrenatural e o utiliza como critério de verdades não visíveis aos olhos humanos, a ciência utiliza-se de métodos rigorosos de observação para explicar a realidade.

1.1 A PERDA DO SER DE DEUS

A sociedade hodierna está organizada a partir de fenômenos que marcam definitivamente a era contemporânea, estes são decorrentes ao uso da razão que o homem fez e faz diante das áreas das ciências, das tecnologias e da cibercultura. Como se sabe, tanto a ciência como a tecnologia constituem e dinamizam a sociedade contemporânea, podendo afetar de maneira superficial ou total a humanidade. Ainda mais diante ao novo avanço que ela faz ao se deparar com a cibercultura, esta que integra uma relação entre as tecnologias de comunicação, informação e a cultura, ou seja, torna-se uma convergência de informatização, de telecomunicação e de sociabilidade configurando assim a cibercultura (LEMOS, 2005).

Com a globalização constatamos que as tecnociências possibilitaram ao homem e à sociedade em si um “processo de secularização, que questionou e pôs em xeque o teocentrismo medieval, levando o ser humano moderno a não temer declarar sua ausência de crença em Deus e sua não pertença a qualquer sistema religioso [...]” (BINGEMER, 2009, p. 346). Faz com que surjam novos paradigmas, propostos pelo pensar humano frente à realidade, cuja sociedade atual está inserida. Agregando elementos essenciais aos indivíduos, fazendo

⁴ Profetizada por Nietzsche

com que estes se esqueçam do “Ser de Deus” ou torne-o como um modo de vida centrado na satisfação, mediante aos desejos de cada ser em particular.

No itinerário bíblico, Deus se apresenta pedagogicamente a Moisés como o “Eu sou o Deus”⁵, como pode ser visto no livro do Êxodo; Deus se revela à humanidade perante o seu mistério. Neste contexto, segundo o cristianismo, pode-se compreender Deus como a Revelação, ou seja, é o Ser/Palavra de Deus, que se permite conhecer rompendo o seu silêncio que até então era desconhecido. A partir dessa manifestação, o Ser de Deus se situa no tempo e no espaço da humanidade. Em outras palavras, pode-se dizer com Bingemer

O núcleo da Revelação é, pois, o próprio Deus que comunica ao ser humano seu mistério e seu projeto, seu convite vida plena que representa a aliança e comunhão com Ele e a entrega da vida, energias e desejos na construção e implementação de um mundo onde reine a justiça e a paz (2009, p. 353).

A linha de pensamento proposta pela pós-modernidade faz com que o homem, pelo uso da razão, questione as noções clássicas e dogmáticas até então concebidas como verdades absolutas. Diante dos conceitos apresentáveis frente à realidade, oriunda da midiatização e das áreas das tecnociências que tornam o conhecimento uma ideologia moderna, marcada pelos métodos científicos de cunho matemático e exatidões sobre afirmações perante a natureza. O universo torna-se então experimental perpassando pelas experiências, leis científicas e instrumentos tecnológicos. O que ainda não é explicado recebe uma conotação de mistério, formando categoricamente no ser humano uma zona de desejos que o infunde no método da experiência científica. Na contemporaneidade evidencia-se o desejo de uma emancipação universal, cuja globalização gera um certo ceticismo em relação à objetividade da verdade e da história sobre os aspectos do mistério que se faz para conhecer o Ser de Deus, haja vista que este não seja palpável ao toque da humanidade, e nem se descreve por leis científicas.

Com a globalização, os conhecimentos científicos e tecnológicos se tornam mais acessíveis aos homens, tornando-os emancipados diante das questões

⁵ Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó (ÊXODO 3,6).

religiosas, de fé ou na própria crença no Ser de Deus. A ciência metodologicamente dá explicações plausíveis aos mistérios que geraram medo nos seres, tornando a verdade visível aos olhos humanos. Os indivíduos propuseram verdades absolutas, que acabam sendo incontestadas frente às leis universais já preestabelecidas. Richard Dawkins, um etólogo⁶ e biólogo evolutivo, faz várias críticas ao Ser de Deus, tornando-O até um delírio em uma de suas obras, ele é capaz de refutar a religião e principalmente o Deus do Antigo Testamento. Para Silvia Geruza Fernandes Rodrigues, em *Alister MCgrath versus Richard Dawkins: um debate entre dois cientistas da área biológica*, a autora fazendo menção ao Dawkins nos revela: “as ciências naturais e, principalmente, seu campo de estudo, a biologia evolucionista, devem bastar ao ser humano” (2018, p. 64).

Nesse embate, crer em uma divindade, em um ser superior é colocar em desuso teorias que envolvem questões deixadas no passado, pois estas propuseram somente dúvidas que hoje com a modernidade são erradicadas sob a luz da razão. A sociedade moderna, sob o enfoque desta luz, dirige seu conhecimento aos métodos científicos e tecnológicos que são de extrema exatidão, estes dialogam com a cibercultura transmitindo conhecimentos e transformando desejos em realidade, perpassando também pela ação digital, um dos focos dessa era. A mente humana é capaz de criar seres como fadas, duendes e, por que não, Ser de Deus? Estes com o auxílio da imaginação e ferramentas podem tornar verdadeiros seus rostos e corpos, passando a ser imagens atrativas, podendo até ser comercializadas nessa sociedade mercantilista.

Para que a humanidade vigente chegasse a esses fenômenos de transformação oriundos das ciências, das tecnologias e da cibercultura, ela perpassou por ressignificações no transcorrer do seu itinerário histórico. O homem passa agora a ser ‘criador’ diante das propostas elencadas pelo iluminismo e pelas revoluções industriais, juntamente com o capitalismo⁷. O indivíduo se percebe em sua totalidade, isto é, porta em si uma estrutura física, química, psíquica e biológica; não tendo mais espaços em sua mente o campo da fé como a prioridade de suas vidas e sim a razão e os desejos que lhes são implantados de forma

⁶ O etólogo é quem estuda, examina e diagnostica problemas de comportamento nos animais de estimação.

⁷ É um sistema em que os bens e serviços, inclusive as necessidade mais básicas da vida, são produzidos para fins de troca lucrativa; em que até a capacidade humana de trabalho é uma mercadoria à venda no mercado; e em que, como todos os agentes econômicos dependem do mercado, os requisitos da competição e da maximização do lucro são as regras fundamentais da vida. (WOOD, 2001, p.12)

silenciosa pelos poderosos do capitalismo. Este, por sua vez, é considerado como uma religião, pois ele “está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer respostas” (BENJAMIN, 2013, p. 21).

A sociedade está caminhando e sendo estruturada pelas ideias supramencionadas. Em tempos atuais pensar em um ser superior - no Ser de Deus - é inútil, pois a nova religião fundamentada nestas ideias é puramente cultural, não possuindo nenhum dogma e nem teologia. O homem é entrelaçado sob um traço (desejo) que possuiu uma duração permanente, pois quando um objetivo é alcançado ou quando nem este já é alcançado há existência de outro objetivo para se alcançar, o indivíduo não para de desejar. E quando o ser toma consciência há uma expiação de culpa, este por sua vez relembra de Deus, e acaba culpando-o.

A partir disso, a ideia que surge é de um ser que seja super-humano, não tendo espaço para as penitências, arrependimentos, preocupações ou em uma ligação com o transcendente. Os seres vivem em torno das ações que lhes dão explicações, satisfações tornando seus desejos em realidades. Os shoppings e as farmácias são nesta era contemporânea as grandes explicações do desligar-se do ser humano com o Ser de Deus, pois um traduz suas fantasias em realidade e o outro cura suas dores. Para que o super-humano precisa de um ser ou de seu templo, para alcançar uma moral ou até mesmo um ideal, se o próprio ser é capaz de criar e de se estabelecer?

1.2 SERIA O HOMEM UMA MÁQUINA DESEJANTE?

Com a emancipação do homem, tendo em vista sua passagem pelas ideias iluministas e sobre as revoluções causadas por estas, pode-se dizer que o inconsciente humano se entrelaça nessa nova era da contemporaneidade como *maquínico*. Os indivíduos são forçados como máquinas desejanter, para Trindade

A máquina desejanter é constantemente atravessada por energia. Isso torna a máquina é desejanter e o desejo é maquinado. Um não funciona sem o outro. A segunda energia que nos atravessa, depois da libido conectiva, é o registro: as máquinas se espalham, se distribuem numa determinada configuração. As máquinas podem funcionar de diversas maneiras, ligando-se ora desta maneira ora de outra (2013a, p.01)

O inconsciente é movido pelos desejos, estes implantados silenciosamente pelos que ditam e que ditaram o capitalismo, o iluminismo, a ciência, a tecnologia e a cibercultura. O homem se sente autônomo, sujeito, pois quer criar, apodera-se de seus desejos, se comunicar e estabelecer leis universais incontestadas, não tendo mais medo do que não pode ser visível ou que um dia os causou medo. As máquinas se organizam para dar início à produção, nosso desejo pelo imaginar, pondo o que é mais desejado pelo íntimo do eu para fora, trazendo para a realidade aquilo que o determina, sendo comercializado.

Na contemporaneidade, o homem-máquina é tomado pelo desejo, este é “imediatamente social, e se reflete em uma subjetividade: uma maneira de viver e de pensar” (TRINDADE, 2013b, 02). A sociedade como máquina, tudo estar interligado; o indivíduo com sua criação constitui uma peça onde se acoplam várias outras peças. O ser humano, ou super-humano, se torna o transcendente frente a seu funcionamento que imagina, tendo o inconsciente que cria, tornando seu desejo real. Este ser hodierno é puramente desejante pelo uso da razão, sendo um processo constante de produção, produção de registro e, por fim, produção de consumo próprio. O Ser de Deus não tem um espaço na consciência nesta nova era, pois Ele é pensado como ultrapassado diante das conquistas e criações realizadas pelo homem. Este se apresenta à realidade como um sujeito capacitado a produzir e inovar. A contemporaneidade é marcada pela pertinente busca do ser humano de se autoemancipar do transcendente, pois ele próprio pode curar, criar e transformar.

2. O NÃO-SER DE DEUS NO HOMEM CONTEMPORÂNEO

A sociedade com a modernização se desenvolve, mas também se complexifica e se diversifica, pois há uma diferenciação social implantada pelos detentores do poder e do discurso. Com os indivíduos cada vez mais interligados, faz com que a informação e a tecnociência cheguem de maneira total ou imparcial a todos os seres. Estes podem optar por caminharem somente pelos desejos que lhes são implantados pelo sistema mecanicista e capitalista, desta era hodierna.

O homem, enquanto parte integrante do sistema, é transformado em uma máquina, que capacitariamente cria e rege sua própria história. A sociedade decai de suas filiações tradicionais. Na contemporaneidade, os indivíduos tendem a se desencaixar de seus antigos laços, estes por mais confortáveis que possam parecer. Este processo desencadeia em uma desfiliação, pois os

seres humanos podem opinar a cultura e a religião de seu interesse, por se tornarem opcionais. A exemplo disto “não só as pessoas podem optar por uma outra religião, mas podem continuar optando por outras religiões” e “a opção dessacraliza-se como um ato livre, passando a ser revisável na mesma proporção. Os vínculos tornam-se quase que exclusivamente experimentais” (PIERUCCI, 2008, p. 14). Há uma fatalidade sociocultural, o Ser de Deus e qualquer religião tradicional em um tempo que se moderniza, estarão fadados a perderem adeptos devido a secularização. A secularização propicia ao mundo um movimento de transformação, inculcando na sociedade a consciência do ser, pensar e agir livre, ou seja, tendo uma cultura cada vez mais voltada para o pluralismo. A liberdade que é pautada pelo uso da razão é defendida pelos detentores do conhecimento.

Este fenômeno está concisamente relacionado aos avanços realizados pelo homem contemporâneo. Com os feitos deste, o direito, a arte, a cultura, a educação, a medicina, a ciência, a tecnologia e outros campos cercam a vida social moderna se baseando em valores seculares, ou seja, não mais no Ser de Deus ou na religião. O mundo moderno é caracterizado pela perda de força da religião. Esta passa por um período de crise, no que se refere a sua autoridade sobre a vida privada e cotidiana dos indivíduos. Os preceitos regentes deste mundo são a valorização do indivíduo e de sua racionalidade criadora. Esta concepção demonstra, segundo Portella, que a

modernidade, no entanto, coloca o ser humano como medida de si, de suas relações e do universo, a partir de uma lógica cartesiana e de uma moral kantiana. Já não seria mais o cimento da coesão cultural-social ditado pela religião o que daria o sentido ordenador da realidade e do social, com suas mediações, mas doravante a própria racionalidade, a própria independência de escolha racional centrada no indivíduo autônomo. (2006, p. 72)

Cabe aqui ressaltar a existência incisiva de um desencantamento por parte do indivíduo hodierno em relação ao Ser de Deus e a religião, pois não há mais uma hegemonia definidora. Trata-se agora de uma luta, pois uns querem os salvaguardar, e outros destruir. Uma vez que o homem dotado de razão, toda a sua ação perpassa pelas ideias científicas e tecnológicas e também pela cibercultura, tudo é experimental no contexto moderno, ou seja, o mundo é transformado, ordenado e dotado de sentido em um mero mecanismo causal sendo denominado e explicado pelo cálculo matemático.

Enfim, o Ser de Deus e as religiões são entendidos como aspectos reguladores universais, pois transmitem uma ética-moral. Estas, muitas vezes não correspondem mais à visão da sociedade atual. Os indivíduos vivem suas dimensões de formas particulares, dotados pelos desejos que são lhes implantados em seus subscientes, ou seja, vivem a partir da própria lógica da modernidade. Dos fragmentos de uma sociedade secularizada, não sendo estabelecida uma totalidade.

2.1 IMPLICAÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO

Como pode ser percebido, a sociedade, em seu itinerário histórico, perpassou e continuará perpassando por significativas transformações culturais. O mundo encontra-se envolto de um caldeirão ideológico-conceitual. A isso vamos denominar “mundo globalizado”. Neste cenário, o que é produzido e discutido acaba atingindo os seres diretamente ou indiretamente. No sistema de globalização, as ideias formadas pelo pensar humano são categoricamente modificáveis e modificadoras da realidade em construção. O indivíduo passa a ser protagonista das grandes transformações, proporcionadas pelo seu desenvolvimento e avanços à vista da ciência, da tecnologia e da cibercultura partido da revolução industrial, do iluminismo e do capitalismo. Questões estas a reger a contemporaneidade, mecanicista e desejança.

O espírito (mente) humano, por séculos esteve sob à sombra da Antiguidade. Os seres se libertaram das ideias que cercaram a Idade Média, esta que sempre vivera à sombra da Antiguidade, sempre se servira dos seus tesouros, interpretando-os segundo os verdadeiros princípios medievais. (HUISINGA, 1996). Fora necessário um certo amadurecimento do próprio ser, este por sua vez, veio das próprias indagações dos indivíduos a partir da realidade, ou seja, a mente humana se clareia diante das sombras com o auxílio da razão. Esta está cercada de maquinação e experimentação.

Sobre estas ideias elencadas até agora, pode-se perceber que a partir da globalização a sociedade – homem – si encontra em um processo itinerante de secularização. A coletividade que até então era de extrema importância para o ser é deixada de lado surgindo a individualidade. A ideia de religião ou de uma relação com o transcendente torna-se quando há necessidade, sentimento de culpa ou de um neo-prazer. Pode-se dizer que o

cristianismo caracterizou-se, tradicionalmente, por uma postura de remordimento de consciência relativamente aos dilemas éticos, atrelada ao conceito de pecado, a predisposição de sua existência esteve relacionada apenas à necessidade de reconhecimento – por parte do crente – da distinção entre bem e mal, tomada como modelo da ideia de pecado original. (VALVERDE, 2007, p. 65).

O bem e o mal não são determinados mais por uma relação de cada um com Deus, pois o indivíduo é capaz de fazer juízo da realidade. O Ser de Deus acaba sendo abandonado, deixa de ser significativo ou quando é significativo é somente em busca de algo. O ser, ao se posicionar nesta sociedade, torna-se um indivíduo não mais religioso em si, mas um ateu prático, pois em seu inconsciente há algo que o faz somente desejar. A ideia que se perpetua na contemporaneidade é de um homem-máquina, que se transformou em um ser que seja maior que o transcendente.

Na modernidade o homem adere ao ateísmo e este se transforma em um ateísmo prático, onde o Ser de Deus é excluído ou utilizado para cumprir preceitos, pois os homens se sentem de certa maneira responsáveis pelas suas próprias ações, tendo um dever moral e se existir dor ele a supera por meio da técnica (ciências). O ser contemporâneo dá uma nova visão sob sua vida em relação àquilo que já fora tomado como absoluto transmitido com valores, moral e ética, estes foram forjados inúmeras vezes por pensamentos religiosos e também estes se acreditaram que emanaram do transcendente (Deus) ou da religião. Pode se dizer, em tempos atuais, o que é absoluto ao indivíduo é “o que nós encontramos é aquilo que está entre nós, que é uma transcendência na imanência, é a valorização do outro, do ser humano, de forma consciente, que parte não de uma imposição autoritária, mas de uma revelação íntima, intuitiva e emocional.”(RODRIGUES, 2018b, p. 150)

Os seres humanos encontram-se profundamente mergulhados na excessiva relação paradigmática e conceitual no que se refere a questão do bem (divino) e do mal (diabólico). As concepções de divino e diabólico são fundamentalmente categorias de cunho religioso e foram incutidas na formação da consciência humana. Estas se contentavam em extrapolar e expandir o medo e também uma verdade tida como sagrada. O homem contemporâneo, através do seu desenvolvimento, resulta do princípio de ser o artífice de sua própria história, sendo livre, essa liberdade dá ao indivíduo o poder de negar inúmeras coisas, até o Ser de Deus. Assim, pode-se dizer com Rodrigues que “as religiões inventaram uma imagem de Deus, demandam a conclusão de que as religiões foram

inventadas pela necessidade em nomear esse sagrado, para além da necessidade de suprimir os medos de morte e de vida. (2018b, p. 157-158).”

Nesta lógica de pensamento, a ideia conceitual de absoluto, que antes era atribuída ao Ser de Deus, passa a ser único e exclusivamente atribuído ao ser humano. Este, imbuído de suas faculdades sensitivas e intelectuais por meio da tecnociência, evidencia a absolutividade transcendental do seu ser no mundo das práticas. O homem é tomado pelo materialismo e pelas experiências, por um lado, este se mantém interessado em prazeres físicos e bens materiais. E por outro pela experiência, afirma a inexistência de qualquer ser além do material. O mundo contemporâneo é essencialmente materialidade. Tudo é matéria, ou produto dela. O *cogito* (pensamento) só tem razão de ser, enquanto ser para a matéria.

2.2 AUTONOMIA OU NIILISMO?

A modernidade – pessoa – respira a autonomia. Como a vivência íntima da autonomia gera uma razão ética e repercute na estimativa moral. O principal fruto dessa era é uma moral sem limites, que nem reconhece a superioridade de uma graça ou de um pecado, ou seja, uma moral prometeica, insensível à gratuidade e uma moral hipotética. O que é visível neste contexto de era contemporânea é uma moral sem referências absolutas. O ápice elementar central da contemporaneidade é a afirmação da autonomia do ser humano, como pode ser visto nas ideias supramencionadas, o sujeito passa a ser sujeito de si e de sua história. Sua independência constrói diante de toda decisão que venha de tradições, religiões, do Ser de Deus e da cultura, uma nova maneira de afirmar, pois todo pensamento parte pela razão iluminista, capitalismo, ciência, tecnologia e cibercultura.

O encantamento moderno se encontra na racionalização da existência humana. O mundo hodierno é conduzido pela técnica e pelos detentores do poder, sob o império da razão instrumental e experimental que torna o homem uma máquina desejante. O que evidencia é a supervalorização da ciência. Deste modo, pode-se perceber que a racionalidade tornou o homem moderno como instrumental, ou seja, o conhecimento foi somado ao poder gerando a reificação/coisificação do próprio indivíduo.

O culto não é mais voltado as divindades, ao Ser de Deus, mas à razão pura, iluminada, mecanizada, consumista e desejante. O que resulta é um ser voltado

somente aos benefícios que acreditam ter com o capitalismo, pois neste se desenvolveu uma religião, um culto, desprovido de dogmas. Pode-se dizer que

no Ocidente, o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo – o que precisa ser demonstrado não só com base no calvinismo, mas também com base em todas as demais tendências cristãs ortodoxas –, de tal forma que, no final das contas, sua história é essencialmente a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo (BENJAMIN, 2013, p. 23).

82
Desta forma, o que contribuiu para o favoritismo e conhecimento do capitalismo enquanto religião, estar pautado na afloração das questões mais íntimas do ser. Estes sendo comercializados, tomando os desejos em extremas necessidades. Foi um certo paganismo, gerado pela razão, pela autonomia, o querer se emancipar de conceitos que os prendia frente suas próprias conquistas. O homem se torna um indivíduo irreligioso ou está fadado à crença que ele pode retirar algum aproveitamento daqueles que ainda não são esclarecidos. Seus feitos são inquestionáveis, pois o uso da ciência, tecnologia e da cibercultura dão as informações – respostas – necessárias sobre a realidade que é visível.

O homem moderno vive em uma constante utopia, preso a sua própria criação, estas que lhes são apresentadas com novas imagens, atrativas e cheias de fantasia. Questões como a ética e a moral não são mais valorizadas e se tornam líquidas, ou recebem novas ressignificações frente à necessidade daqueles que ditam a sociedade. O homem está alienado a si próprio, o que prevalece é a sua própria razão, não tendo espaço para a religião ou sequer ao Ser de Deus. Esse homem não se limita ao transcendente e se abre as tecnociências e a cibercultura, pois tudo está conectado e visível aos vossos olhos, pois é ele mesmo quem cria e da significação frente a sua realidade.

A realidade sistêmica contemporânea, cujo homem é sujeito, está para as conquistas feitas pela razão. Frente das ideias do iluminismo, do capitalismo, dos desejos que lhes são implantados, da ciência, da tecnologia e da cibercultura. O homem é tido como máquina em um mundo que se torna somente mercadoria global, somos instigados a nadar contra a correnteza perante os contextos elencados aqui até agora, a buscar as formas de como salvaguardar a ideia do Ser de Deus em uma era contemporânea.

3. O SER DE DEUS FRENTE À CONTEMPORANEIDADE

O campo da fé se encontra hoje em estado de extrema complexidade. Isto nos remete a constante presença paradigmática da dúvida, cuja ciência da secularização o ousa questionar a crença em Deus. Na linguagem bíblica, Deus se apresentou pedagogicamente a Moisés como o Eu sou, ou seja, o Ser de Deus se releva como o Ser absoluto, tendo as três dimensões caracterizadas pela tradição teológica cristã: o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito. O núcleo da ideia da revelação do Ser de Deus se dá através do Ser/Palavra, que na história se faz carne, incutindo na razão humana a ideia personificada da existência de um Princípio e um Fim de todas as coisas criadas, no caso, o Ser de Deus.

A proposta que deve situar nessa complexidade existencial é um resgate do sagrado, do Ser de Deus, a luz de uma fé racional. Para tanto vamos entender Deus a partir da revelação. A revelação à luz do cristianismo pode ser entendida como a Palavra/O Ser de Deus que rompe seu silêncio que até a Moisés era desconhecido, Este se coloca no tempo e espaço da humanidade. Para Benjamin

a Revelação chega ao ser humano como graça que surpreende e convoca à liberdade. Proposta graciosa e gratuita, que pede uma resposta igualmente gratuita por ser fruto da graça que a precede. É, portanto, graça de Deus não só o fato de Ele fazer essa proposta ao ser Humano, mas também o fato de este último, em sua limitação e finitude, poder ouvi-la, acolhê-la e a ela responder na fé, carente de evidências e comprovações empíricas. O próprio desejo de crer já é dado por Deus cujas graça e misericórdia a tudo se antecipam.(2009, p. 353)

A Revelação do Ser de Deus é algo que gera um acolhimento que vai instaurar a relação entre fé e razão, ou seja, a dimensão da totalidade da revelação é dada pelo Deus Criador – Eu Sou – no entanto é auxiliada pelo Filho salvador e pelo Espírito santificador. De forma gratuita gerando a liberdade, tendo a capacidade de compreender diante de sua finitude, ouvindo, acolhendo de maneira experimental e racional, mediante a fé.

O Ser de Deus em favor dos seus – povo – que tanto ama, vê a miséria: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores, pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma

terra boa e vasta, terra que mana leite e mel”⁸. Deus assim se coloca para a humanidade, e no tempo se torna visível pela imagem de seu Filho Jesus de Nazaré. Um Deus se tornando carne da carne sendo capaz de se comunicar com os homens e com as mulheres se concretiza na história da revelação como Ser.

Santo Anselmo de Cantuária, ao utilizar-se da razão para defender o Ser de Deus, presume a importância da fé, pois sem esta é impossível conhecê-lo verdadeiramente. Deus enquanto princípio e fim é o horizonte no qual tudo pode ser pensado e sem o qual nada em si existe. Pois aquilo que se pensa e compreende se encontra no campo da inteligência, ainda que em tempos modernos possam não acreditar em sua existência. Para responder a tal questão, Cantuária diz: “o ser do qual não se pode pensar nada maior” existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade (p. 07), ou seja, aquilo que não é pensado não existe, mas se é possível pensar este, então existe. Assim, o Ser de Deus existe de tal forma que nem é possível pensá-lo não existir.

84

3.1 A POSSIBILIDADE DE UMA FÉ RACIONAL

O mundo hodierno vivencia uma mudança de época pautada pela construção da autonomia do homem. A ideia que se dá é de um sujeito esclarecido, na modernidade, não tendo mais a necessidade de sustentar uma crença no Ser de Deus, pois acredita-se ser responsável pelo seu próprio itinerário histórico. Mas há ainda aqueles que são tutelados por outros homens que lhes implantam ideias acerca das revoluções, do iluminismo, do capitalismo e das tecnociências. Fazendo com que este se torne máquina-desejante e não tenha autonomia à vista dos paradigmas construídos de forma dogmática, pois os dogmas agora são orientados pela liberdade, pelo consumismo e pelo desejo.

Um dos grandes incisos ocorridos na era da secularização é a proposta da negação do Ser de Deus, o metafísico, o transcendente, afinal, obviamente não é difícil constatar que a negação de Deus possa resultar da possibilidade de dizer sim ou não a sua existência. O pensar contemporâneo faz com que Ele seja excluído devido ao avanço que o homem faz de si mesmo ao se deparar com o universo das leis arquitetadas por si mesmo.

Estando a humanidade atrelada ao uso da razão, cabe primeiramente falar sobre a natureza humana. O que é exatamente natural e não natural a **esses**

⁸ (ÊXODO 3,5-9).

seres? Temos os automóveis, por exemplo, não fazendo parte da natureza humana biológica, mas faz parte da natureza arquitetada – construída – de forma cultural e tecnológica, sendo incapaz de ser pensada como não natural. Tal natureza está acoplada – ligada – adaptada – ao cotidiano, que é impensável não compreender como natural. Biologicamente o que passa pelo crivo do pensamento humano é sujeito a modificações no advento da tecnociência.

Hoje em dia, é totalmente equivocado indagar se os humanos são flexíveis ou programados, se o comportamento é universal ou varia entre as culturas, se os atos são aprendidos ou inatos, se somos essencialmente bons ou essencialmente maus. Os humanos comportam-se de maneira flexível porque são programados: suas mentes são dotadas de software combinatório capaz de gerar um conjunto ilimitado de pensamentos e comportamentos. (...) O comportamento inteligente é aprendido com êxito porque temos sistemas inatos que se incumbem do aprendizado (PINKER, 2004, p. 67).

Percebe-se na humanidade um acentuado desenvolvimento no que se refere à mudança de comportamentos, de padrões culturais, de hábitos, condicionamentos, costumes, valores, rituais, aprendizados, normas, dentre outros. Nota-se que a cultura está intrinsecamente formatada pela disponibilidade comportamental e mental do ser humano. Franco, trazendo a ótica do pensamento de Daniel Dennett, nos diz:

confirma de maneira contundente que o fenômeno religioso não deve ser compreendido sob a ótica do sobrenatural. Crenças, como qualquer outro fenômeno humano, estariam no campo de nossa natureza e, por tal motivo, podem e devem ser estudadas do ponto de vista de nossas predisposições mentais e cognitivas.(2018, p. 28).

A crença enquanto disposição de uma liberdade interior é natural na pessoa humana. É através da fé racional que o homem e a mulher arquitetam o seu habitat na sociedade, desenham o itinerário ideológico a ser percorrido vitalmente na história. O ser humano transita por dimensões cognitivas que os tornam seres simbólicos e ritualistas. A partir destas dimensões vemos uma evolução do pensamento humano, pois em eras longínquas o homem visualizava a dimensão do transcendente a partir da natureza, como raios, tremores, erupções, dentre outros, seja pelo medo ou pela admiração, causadas por estes

sobre o pensamento desses seres. Surge neste momento histórico a ciência da cosmologia ou filosofia da natureza.

A ilustração nada mais é do que a própria liberdade humana de se fazer uso da racionalidade. Em diferentes períodos se tem uma maneira de pensar e de agir, houve era em que os homens deram ênfase aos seus desejos e ao ser que era superior a eles, como na mitologia grega, na Idade Média, Deus é o centro de tudo, na modernidade querem fazer com que Deus seja excluído do campo da existência, passando a razão a ser o centro. Na tentativa de salvaguardar o Ser de Deus na contemporaneidade se faz necessário possibilitar o diálogo entre fé e razão a fim de se chegar ao encontro da verdade que linguisticamente é o próprio Ser de Deus numa perspectiva teológica. Segundo o Papa João Paulo II e seu sucessor Papa Bento XVI a fé e a razão são como duas asas que nos conduzem à verdade. Sendo assim tais categorias são indissociáveis, haja vista a harmonia existente entre razão e fé. O pensamento mostra que são questões fundamentais e necessárias na busca da verdade.

3.2 DA FÉ RACIONAL À FÉ ESCLARECIDA

No decorrer do tempo, o homem foi se firmando na história como sujeito de grandes descobertas científicas e possibilitador dos avanços tecnológicos. Tais conquistas também foram responsáveis em provocar em muitos a negação da fé, da religião e do Ser de Deus. O racionalismo ganha força a ponto de reconfigurar a forma de ver e pensar a realidade. Neste contexto, segundo Júnior (2014, p. 11), este acredita que

atualmente, após um desenvolvimento científico e tecnológico sem precedentes e, até poucas décadas atrás, impensável, o ser humano encontra-se perdido e confuso diante de tantas conquistas da inteligência, caindo numa certa forma de ceticismo com respeito à capacidade da inteligência humana de conhecer a verdade.

Para conhecer a verdade e sair deste ceticismo o homem necessita libertar-se da lógica de ver tudo à luz do racionalismo, ou seja, restritamente a ciência e tecnologia, pois se isto ocorrer a sociedade está reduzida somente ao mundo dos fenômenos, vendo como ilegítima qualquer tentativa que leve – ultrapasse – ao plano metafísico. As consequências são um fechamento do próprio ho-

mem a suas constituições fundamentais, ou seja, não estarão em consonância com o criador, ao próprio Ser de Deus. A humanidade não pode simplesmente reduzir sua racionalidade em sua própria finitude, mas abertura para infinitude do próprio ser. Para o Papa Bento XVI:

se a ciência no seu conjunto é apenas isto, então é o próprio homem que, com isto, sofre uma redução. Mas as interrogações propriamente humanas, isto é, as do de onde e do para onde, os questionamentos da religião e do ethos, não podem encontrar lugar no espaço da razão comum descrita pela ciência entendida deste modo e devem ser deslocados no âmbito do subjetivo. O sujeito decide, com base nas suas experiências, o que lhe parece religiosamente sustentável, e a consciência subjetiva torna-se, portanto a única exigência ética. (2014, p. 05)

Este Papa não faz uma rejeição da modernidade e nem pede uma volta aos pensamentos do passado, pois ele dialoga com os progressos que foram proporcionados no campo humano. Na verdade, Bento XVI traz uma visão positiva e consciente, gerando um alargamento do nosso conceito de razão e do seu uso. Segundo Júnior, “o que Ratzinger pede é simplesmente que a razão tenha também em consideração a busca da sabedoria, pois a razão nunca deveria deixar de exercer sua dimensão sapiencial. Isso significa que a razão é capaz de passar dos fenômenos aos seus fundamentos” (2014, p. 17).

Neste contexto entre fé e razão, há uma necessidade de um diálogo harmonioso entre a ciência e a fé. O diálogo deve estar sempre mediado pelo princípio da verdade. Para que a fé suponha a razão, ou seja, a razão enquanto precisa ser iluminada pela fé, para que se eleve ao conhecimento da verdade que é Deus. E que ambas possam sempre estar juntas para que tenham uma correta compreensão do mundo e do homem.

A teologia como ciência procede da fé sobre a revelação divina, procura o entendimento dessa fé a partir do próprio Deus como se deu para se conhecer através de uma autorevelação. Esta ciência tem Deus, o homem e o mundo como objetos teológicos, nota-se que na medida em que se relacionam com Deus ou são considerados sobre a luz da revelação de Deus. O Papa Bento XVII, em uma Aula Magna na Universidade de Ratisbona, trabalhou a questão da fé e da razão. Ele afirma pela Tradição da Igreja que ela sempre se posicionou ao lado da razão, sendo a razão capaz de dizer algo sobre Deus e que possa estar em sintonia com a fé. Segundo ele, “a fé da Igreja sempre se ateve à convicção de que entre Deus e nós, entre o seu eterno Espírito criador e

nossa razão criada, existe uma verdadeira analogia, na qual, por certo - como afirma, em 1215, o IV Concílio de Latrão - as diferenças são infinitamente maiores que as semelhanças, mas não até o ponto de abolir a analogia e sua linguagem” (2014, p. 07).

Diante destas indagações e afirmações, é preciso considerar a autonomia do homem como sendo necessária, o “ousa saber” é importante frente à realidade construída pelo iluminismo, capitalismo à vista das tecnociências no mundo moderno. Com o esclarecimento, o indivíduo pode considerar – afirmar – a tecnociências, ou seja, a razão sendo a busca da sabedoria e a Teologia como ciência da fé sendo verdadeiras e indispensáveis para o conhecimento humano. Dando ao homem a oportunidade de reler, de fazer e de conhecer a verdade sobre o mundo e sobre si. Desconsiderá-la seria reduzir a capacidade do ser de conhecer e de seguir a verdade sobre ele próprio e do universo que o rodeia, contendo seus elementos, naturais: químicos, físicos, biológicos e o transcendente, o Ser de Deus.

O Papa João Paulo II, em uma de suas Encíclicas, nos remete à fé e à razão – Encíclica *Fides et Ratio* – reforça a ideia de estas que constituem como que as duas asas, pelas quais o espírito humano se eleva a verdade. Assim, pode-se compreender a existência de uma harmonia entre a fé e a razão. As ideias causadas pelo iluminismo de trazer o homem ao uso da razão e sua autonomia são necessárias. Pois a verdadeira razão que pode ser destrinchada em ciência, tecnologia e cibercultura nos conduzirá ao Ser de Deus e se há somente uma falsa conduta destes o que pode acarretar é o afastamento do ser humano d’Ele. Notamos que somente quando a fé e a razão caminham juntas é que o homem pode conhecer e chegar ao conhecimento integral da verdade de si mesmo, do mundo que vive frente a sua realidade concreta e por fim salvaguardando o Ser de Deus.

O indivíduo já esclarecido não se prenderá às sombras que outros querem lhe proporcionar, pela ação do discurso e pelas ideias que se deram contrárias ao decorrer do tempo. Estas que estão nas mãos daqueles que querem ditar as normas e as condutas da sociedade globalizada, pois viram nessa a oportunidade de escravizar o homem, diante de seus desejos. A emancipação não deve se dar no campo da razão ingênua, a fé seria a inspiração para tal ato que conduzirá a consciência da realidade e viverá em consonância com o Transcendente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente a sociedade contemporânea, situa-se em um contexto de pluralidade. Esta é gerada pelos vários pontos de vistas ideológicos surgidos no sistema de globalização. Estes oriundos do iluminismo, do capitalismo, da mecanização, da ciência, da tecnologia, da ciberculturas e outros. Acarretando assim uma aceleração na evolução dos pensamentos socioculturais, onde os indivíduos são influenciados a utilizarem somente a razão perante a motivação fixada pelos detentores dos discursos. Estes almejam priorizar a economia e as tecnociências, negando o Ser de Deus, como também as instituições religiosas. Ou seja, excluindo estes do mundo hodierno, por não poderem ser explicados pelas leis universais pré-determinadas.

Desta forma, a razão torna-se fundamental, pois é entendida como a busca da verdade proporcionando uma compreensão crítica, emancipador, cujo resultado é a projeção da liberdade humana. A presente pesquisa procurou realizar uma ponte de tramitação desses pensamentos ideológicos que formaram o corpo ideológico da contemporaneidade, proporcionando ao homem a uso exclusivo da razão, em uma consonância com a fé tenta-se salvaguardar o Ser de Deus em um mundo pluralizado. Tomamos com ponto de partida questões do iluminismo, o qual formatou desejavelmente o ser humano pela lógica da máquina.

As questões encontradas foram desejavelmente de emancipação e uma valorização do homem como máquina e da negação do Ser de Deus no homem contemporâneo, devido à secularização. Esta implica a globalização e a relativização da verdade, causando uma significativa descoberta de culturas, proporciona uma constante movimentação acarretando uma abertura do ser, para pensar e agir livre, sem estarem presos a uma ideologia religiosa ou a um transcendente, mas sim aos desejos, proporcionados e mantidos pelo capitalismo e pelos detentores da linguagem.

Diante estas conjunturas, como salvaguardar o Ser de Deus frente a uma era contemporânea, consiste na possibilidade de viver a implicação de uma fé racional, que dialogue com a realidade, ou seja, os desígnios do pensar de uma fé racional é torna-la esclarecida. A autonomia humana, precisa da iluminação da fé, onde o ouse saber perpassar pela razão e pela fé para que conhecimento da verdade possa surgir.

Evidencia-se neste cenário a necessidade de construção de um pensar sólido, capaz de estabelecer uma relação entre fé e razão, salvaguardando o Ser

de Deus. A teologia como uma fonte de sabedoria na qual se interessa pelo sentido da vida e das coisas, não poderá bloquear as tecnociências, ao contrário, o intuito dela deve ser direcioná-las a uma orientação correta. O que deve ser bloqueado é a obscuridades dos pensamentos originados através dos discursos contrários a ideia do Ser de Deus.

Somente com a fé e a razão, entendidas aqui como a busca da verdade, estas estão comprometidas no amplo horizonte do saber. Poderão promover a participação de discussões em torno do ser humano e suas múltiplas consequências a vista da ciência, da tecnologia, da cibercultura. Fazendo com que a revelação divina proceda de uma autorevelação, ou seja, o Ser que se permite conhecer, coloca-se no tempo e no espaço da humanidade. Assim, é essencial que a fé e a razão caminhem juntas, afim de possibilitarem ao homem o conhecimento íntegro da verdade de si, do mundo com suas realidades, salvaguardando o Ser de Deus.

90

REFERÊNCIAS

ARMANI, Carlos Henrique. **A morte de Deus e a contemporaneidade**. Cidade: editora, 2007.

BENJAMIN, Walter, 1892-1940. **O capitalismo como religião**. Org. Michael Löwy; tradução de Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BENTO XVI. Discurso no Encontro com os Representantes das Ciências. In **De Magistro De Filosofia**. Ano VII, nº14. Anápolis, 2º. Semestre de 2014.

CANTUÁRIA, Anselmo de. **Proslógio**. Documento de Aparecida é um texto conclusivo da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe que ocorreu entre os dias 13-31 de maio de 2007, São Paulo: Paulinas, 2007.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da idade média**. Tradução de Augusto Abelaira. Braga: Ulisseia, 1996.

JÚNIOR, Gilberto Marques de Araújo. **A fé e a razão nos discursos de Bento XVI**. Cidade: editora, 2014.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”** Tradução de Artur Morão. Cidade: Lusosofia.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade.** A Era da Conexão. In Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização e declínio do catolicismo.** In Sociedade da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil/Beatriz Muniz de Souza, Luís Mauro Sá Martino, (orgs.). 2. ed. São Paulo: 2008.

PINKER, S. **Tábula rasa:** a negação contemporânea da natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PORTELLA, Rodrigo. **Religião, sensibilidade religiosas e pós-modernidade da ciranda entre religião e secularização.** In Revista de estudos da religião, rever n° 2. 2006. pp. 71-87.

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. **Alister McGrath versus Richard Dawkins:** um debate entre dois cientistas da área biológica. In VALLE, Edenio. (Org) **Ateísmos e irreligiosidades: tendências contemporâneas.** São Paulo: Paulinas, 2018a.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. **O debate sobre a irreligiosidade na perspectiva do pensamento laico de A.Conte-Sponville e Luc Ferry.** In VALLE, Edenio. (Org) **Ateísmos e irreligiosidades: tendências contemporâneas.** São Paulo: Paulinas, 2018b.

VALVERDE, Antônio José Romera. **Mistologia, alegoria e ateísmo prático.** Rev. Filos., v.19,n.24,p.61-75,jan./jun.2007. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/viewFile/2182/8162>>. Acessado em 17 de setembro de 2019.

TRINDADE, Rafael. **Deleuze: máquinas desejantes.** Disponível em <<https://razaoadequada.com/2013/05/10/deleuze-maquinas-desejantes/>>. Acessado em 11 de setembro de 2019a.

_____. **Inconsciente maquínico, síntese do inconsciente.** Disponível em <<https://razaoadequada.com/filosofos/deleuze/inconsciente-maquinico/>>. Acessado em 11 de setembro de 2019b.

WOOD, Ellen Meiksins. **A origem do capitalismo.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.